

Nome: Carlos Alberto Leite de Moura

E-mail: c-alberto-moura@uol.com.br

Instituição de Ensino: Faculdade de São Bento-SP

Orientador: Franklin Leopoldo e Silva

GÊNESE DA FILOSOFIA E ENSINO UNIVERSITÁRIO EM SCHOPENHAUER

Resumo: O presente trabalho abordará dois aspectos da filosofia de Arthur Schopenhauer, o primeiro é a caracterização da atividade filosófica como efeito da necessidade metafísica no homem e, o segundo, a posição do filósofo em relação ao ensino universitário de então. Ambas as abordagens complementam-se mutuamente e resgatam, a nosso ver, temas importantes e recorrentes, tais como o fundamento da filosofia e seu ensino, enfim, a gênese e a dimensão social.

Para Schopenhauer a filosofia é o produto de um anseio imperioso, uma necessidade metafísica presente em mentalidades eminentes, aquelas que não se satisfazem com a metafísica popular (religião). A mentalidade filosófica espanta-se na imensidão dos mistérios e, nesta condição, inclina-se aos questionamentos que tencionam ultrapassar a crise produzida pelo desconhecimento. Enfim, tal como Platão (no *Teeteto*) e Aristóteles (na *Metafísica*), Schopenhauer entende que a filosofia começa com o espanto (*thaumazein*). A crítica do filósofo de Frankfurt a seu ex-professor e figura importante do idealismo alemão, Johann Gottlieb Fichte, ilustra (polemicamente) esta questão.¹

Sendo a filosofia uma metafísica imanente, destinada à busca da resolução do enigma do mundo, compreende-se porque o filósofo a considera como a mais alta realização da inteligência. Diante de uma natureza aristocrática, ou seja, os poucos gênios e os muitos tolos assim o são desde o nascimento, então a tarefa elevada da filosofia jamais será “popular”. Desta forma, como conciliar a filosofia com seu ensino?

¹ “...o que separa o filósofo inautêntico do autêntico é o fato, para este, de a perplexidade provir da visão do mundo mesmo, enquanto para o primeiro provém simplesmente de um livro, de um sistema já existente. Este de fato foi o caso de Fichte, pois ele se tornou filósofo apenas com a coisa-em-si de Kant, sem a qual muito provavelmente teria escolhido profissão bem diferente...” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 78)

O filósofo de Frankfurt considera a filosofia como uma espécie de integração dos conhecimentos, no sentido de que as ciências particulares (empíricas) comprovam o que a metafísica (aqui sinônimo de filosofia) apresenta e ainda dela dependem para a obtenção de seus respectivos fundamentos, deste modo, a filosofia é também um tipo de conhecimento, mas sua transmissão – como pretendemos esclarecer – é problemática.

Dada esta especificidade que combina o mais amplo panorama dos conhecimentos com o mais vivo impulso interrogante (o *thaumazein*), a pessoa do professor de filosofia deve, segundo Schopenhauer, ser levada em conta previamente. Critério compreensível na medida em que pode haver tanto o professor perplexo diante do mundo quanto o professor indiferente ao mundo, limitado à erudição livresca, porém toda e qualquer filosofia só pode existir onde houver o espanto, condição *sine qua non* do amor ao saber. Enfim, o primeiro aspecto relevante nesta análise é que o ensino da filosofia não deve ser estranho a seu *modus operandi*.

O segundo aspecto, derivado do primeiro, é o da docência que tem a filosofia como meio ou como fim. O professor familiarizado com o espanto “viverá *pela* filosofia”, porém aquele motivado apenas pela sobrevivência material “viverá *da* filosofia”. A grande questão aqui é a possível mácula dos interesses pessoais. Unido a este segundo aspecto está o vínculo estatal da universidade e o possível comprometimento do professor com a orientação de seu patrão, o Estado. Assim, se determinada posição filosófica se opõe aos valores defendidos por um superior hierárquico, provavelmente o professor que tem a filosofia como meio irá ignorar tal posição, ainda que a ela dê crédito, uma vez que sob este aspecto ele não passa de um funcionário que prioriza sua renda.

A crítica de Schopenhauer ao vínculo estatal das universidades tem em vista a preservação da liberdade de pensamento e a exposição idônea das diversas filosofias. Tal idoneidade é importante para que não seja transmitido, sob o nome de filosofia, teologia e religião (algo que o filósofo identificou e atacou).

Um terceiro aspecto de relevo, nestas reflexões schopenhauerianas, é a possibilidade do professor apresentar-se aos jovens, em geral inadvertidos, como juiz soberano de

filósofos e obras. Por esta razão o filósofo defende o contato com as obras clássicas a fim de se evitar distorções de intermediação e de se beneficiar com tal contato.²

Desta concepção elitista de filosofia associada a uma severa crítica ao ensino universitário (Alemanha do século XIX), destacamos duas etapas preliminares para uma reflexão sobre a atualidade da filosofia: definir o que se entende por ela e avaliar sua atividade/ensino com base na harmonia ou desarmonia em relação à definição. Em outras palavras trata-se da relação entre “a essencialidade (da gênese) e a historicidade (do ensino)”. Tais etapas, atentas à permanência essencial e à transitoriedade histórica, permitem-nos de algum modo conhecer e re-conhecer a filosofia no curso do tempo.

Por fim, pode-se afirmar que compreender a complexidade da esfera educacional da filosofia implica em dirigir-se a um tratamento pluridimensional, incluindo sua gênese e sua posição hierárquica entre as ciências. Por transitar nesta via, a filosofia schopenhaueriana oferta questionamentos relevantes tanto hoje quanto no século XIX.

Palavras-chave: Filosofia, metafísica, ensino, professor.

BIBLIOGRAFIA PRELIMINAR:

SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. São Paulo: Unesp, 2005.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Filosofia Universitária*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Filosofia e seu Método*. São Paulo: Hedra, 2010.

² “...pensar com um espírito verdadeiramente grande fortalece o espírito próprio, transmite-lhe um movimento regular e o põe num eã certo: age analogamente à mão do alfabetizador que conduz a da criança.” (SCHOPENHAUER, 2001, p.62).